

A EXPANSÃO PORTUGUESA E A DESCOBERTA DAS CIVILIZAÇÕES ORIENTAIS

por
JOSÉ NUNES CARREIRA

Reconhece-se facilmente que «os livros de viagens do nosso Renascimento contêm uma matéria histórica do mais alto valor»¹. Eles são «uma fonte para o melhor conhecimento das terras estranhas e confirmam a aptidão do homem português do século XVI — herdeiro dos navegantes e exploradores da época áurea dos Descobrimentos — para compreender o sentido histórico de outras civilizações e integrar-se na sua vida quotidiana»². No pano de fundo dos esforços pioneiros de outros viajantes e exploradores europeus dos séculos XV-XVII³, resta perguntar se nas «outras civilizações» podemos de algum modo

¹ J. VERÍSSIMO SERRÃO, *A historiografia portuguesa*. Doutrina e crítica, Lisboa 1972, p. 361.

² *Ibid.*, p. 363.

³ Entre outros, Nocolò dei Conti viajou entre 1419 e 1444 com a família de Damasco para Baçorá e daí para a Pérsia e sul da Ásia. No regresso, tocou a Arábia do Sul. Obrigado pelos piratas a converter-se ao Islamismo, foi absolvido pelo papa Eugénio IV com a condição de publicar um relato das suas viagens (*Historiae de varietate fortunae libri quattuor*, Paris 1723); o médico alemão Leonard Rauwolff visitou o Oriente em 1573-1576 e escreveu um *Itinarium oder Rayssbüchlein*, Laugingen 1583;

incluir as pré-clássicas do Egipto, da Síria — Palestina, da Arábia e Etiópia, da Mesopotâmia e da Pérsia ... e se as «viagens do nosso Renascimento» não preparam remotamente o que S. Moscati, classifica de «Renascimento oriental», ou seja «a transformação profunda que, de alguns anos para cá, se manifesta nos nossos conhecimentos do mundo oriental antigo»⁴.

Excepção feita à Terra Santa, cujo fascínio atraía peregrinos devotos e curiosos da faixa ocidental da Península Ibérica desde o século IV pelo menos⁵, foi a Índia que levou os Portugueses ao palco das civilizações antigas. Para a Índia enviara D. João II, por terra, Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, em Maio de 1487. Da Índia partiram as embaixadas que

o nobre italiano Pietro della Valle (1586-1652) aproveitou uma peregrinação ao Santo Sepulcro para visitar o Egipto, a Síria, a Mesopotâmia e a Pérsia, trazendo para a Europa os primeiros tijolos inscritos em cuneiforme e publicando o relato da viagem em forma de cartas (54) a um amigo: *Viaggi descritti in lettere familiari* ... I-II, Roma, 1650-1653. Cf. K.-H. BERNHARDT, *Die Umwelt des Alten Testaments*, I. Die Quellen und ihre Erforschung, Berlin 1967, pp. 20-21.

⁴ S. MOSCATI, *L'Orient avant les Grecs*, trad., Paris 1963, p. 3.

⁵ Tempo das peregrinações da virgem galega Egéria (aliás Echeria, Eitheria e Etéria) à Terra Santa, de que resultou o *Itinerarium*, descoberto em 1884 na cidade italiana de Arezzo. O século XVI português viu partir para a Palestina o cisterciense Frei António Soares de Albergaria (1552-1555), autor do mais antigo *Itinerário da Casa Sancta de Jerusalém* em língua portuguesa, seguido em 1563 do franciscano Frei Pantaleão de Aveiro, a quem se deve o famoso *Itinerário da Terra Sancta e suas particularidades*, Lisboa, em casa de Simão Lopez, M.D.LXXXXIII, de que se multiplicaram as edições (Lisboa 1595, 1596, 1600, 1685, 1721, 1732; Évora 1812; Coimbra 1927) e a que ultimamente se dedicaram vários estudos (C. B. BECKINGHAM, *Pantaleão de Aveiro and the Ethiopian Community in Jerusalem*, peregrinans anno 1563, JSS 7 [1962], 325-338; H. BERBERIAN, *Les Armeniens dans l'Itinéraire de la Terre Sainte du Fr. Pantaleão de Aveiro*, em *Revue des Etudes Armeniennes*, nouvelle série, 2 [1968] 369-380; M. AUGUSTO RODRIGUES, *Aspectos da Presença Árabe no «Itinerário da Terra Santa» de Frei Pantaleão de Aveiro*, em *Actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos* [Coimbra, 1-8 de Setembro de 1968], Leiden 1971.

levaram o Padre Francisco Álvares à Etiópia e António Tenreiro à Pérsia. Da Índia saíram, enfim, os autores de aliciantes narrativas de viagem pelos caminhos difíceis e perigosos da Pérsia, da Mesopotâmia, da Arménia, da Turquia, da Síria, Palestina e Egipto. António Tenreiro, por volta de 1530, causou sensação em Portugal com a sua aventura pioneira⁶. Cento e trinta e cinco anos depois, o Padre Manuel Godinho aponta, seguro da matéria, o «Roteiro dos diversos caminhos que se podem tomar da Índia à Europa, e desta à Índia por Terra»⁷.

Os nomes e os méritos de alguns viajantes portugueses não escapam aos orientalistas⁸. Mas o estudo sério do seu contributo para o conhecimento das civilizações pré-clássicas está por fazer. Por agora, limito-me a duas viagens quase estritamente contemporâneas: a do Padre Francisco Álvares (1520-1526) e a de António Tenreiro (1523, 1528-1529).

⁶ A. TENREIRO, *Itinerário de ... que da Índia veyo por terra a este Reyno de Portugal*, Coimbra 1560: «... e foy cousa nova e estranha neste reyno verem homem que da Índia viesse por terra a Portugal» (prólogo, cit. em J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, p. 381).

⁷ Título do c. XXIV de P.^o Manuel GODINHO, *Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar vindo da Índia para Portugal no Anno de 1663*, Lisboa 1665, 1842, 1974 (nesta última edição, pp. 211-219). Aos três itinerários mais seguidos (1. Índia — Mar Vermelho — Cairo — Alexandria — Europa, «o mais breve», «porém, arriscadíssimo», p. 211; 2. Índia — Pérsia — Alepo — Mediterrâneo oriental — Europa; 3. «O terceiro e mais seguido caminho», p. 213, levava da Índia a Comorão — Boçorá — Babilónia — Alepo — Mediterrâneo oriental — Europa) ainda junta dois: um por Moscovo — Mar Cáspio — Pérsia e outro atarvessando a África de Angola a Moçambique.

⁸ Cf. S. MOSCATI, *Las antiguas civilizaciones semíticas*, trad., Barcelona 1960, p. 254; S. N. KRAMER, *Os Sumérios. Sua História, Cultura e Carácter*, trad., Lisboa 1977, p. 23.

O PADRE FRANCISCO ALVARES NA ETIÓPIA

O Padre Francisco Álvares aportava finalmente às costas da Etiópia a 27 de Abril de 1520. Finalmente, pois a viagem de Pero da Covilhã ficara sem eco e sem regresso. Finalmente ... pois terminaram os longos anos de oposição do governador da Índia, Lopo Soares de Albergaria (a embaixada de D. Manuel saíra de Lisboa em 1515), entretanto substituído por Diogo de Sequeira (fins de 1518). Morrera o embaixador Duarte Galvão numa infrutífera expedição ao mar Vermelho. A chefia da improvisada missão cabia agora a D. Rodrigo de Lima; o Padre Francisco Álvares continuava a ocupar o seu lugar de capelão, como à saída de Lisboa cinco anos atrás; mas havia de se celebrar como cronista ⁹.

Seis anos deambularam na «terra e senhorios do Preste João», pois de regresso «tornaram a embarcar no dito porto de Maçua (por onde tinham entrado), ilha do mar Roxo, junto do lugar de Arquico, no ano de 1526, em Abril, aos 28 dele ... ¹⁰.

⁹ F. ALVARES, *Ho Preste Joam das índias. Verdadeira informação das terras do Preste Joam, segundo vio e escreveo ho padre Francisco Alvarez capellã del Rey nosso senhor*. Agora novamête impresso por mandado do dito senhor em casa de Luis Rodriguez livreiro de sua alteza. Lisboa, 1540. Reedições de Lisboa, 1889, 1943, 1974. Sigo esta, indicando em romano Parte e capítulo e a página em árabe.

¹⁰ *Ibid.*, II Parte, c. IX, p. 416. O Padre Francisco Álvares desembarcou em Cascais a 14 de Julho de 1527. Evitou Lisboa assolada pela peste, tomou o percurso do Tejo por Santarém, passou a Tomar e chegou a Coimbra, onde se encontrava a corte. Em Julho de 1529 temo-lo em Braga. Em 1531 é enviado à corte pontifícia e em Roma o colheu a morte, entre 1532 e 1546, «quando aguardava talvez a nomeação de patriarca da Etiópia» (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, p. 370).

Não era uma expedição científica de reconhecimento e recolha de antiguidades, que ainda estavam longe os séculos XVIII-XIX¹¹. Nem perseguia objectivos militares prioritários, como a de Napoleão ao Egipto (1798), mesmo assim acompanhada por cento e sessenta e cinco homens «das ciências e das artes»¹². Nem sequer a determinavam em primeira mão razões económicas ou comerciais, a tomar à letra a resposta de D. Rodrigo de Lima ao enviado do Preste João que o autorizava a «comprar e vender o que quisesse»: «...não vinham para ser mercadores mas ... para servir a Deus e aos reis e ajuntar cristãos com cristãos»¹³. Foi quase um escândalo serem tomados por mercadores, «por ele (D. Rodrigo de Lima), nem seu pai, nem mãe, nem avós não compravam, nem vendiam, nem tinham tal ofício e que outro tanto era dos fidalgos e pessoas que com ele vinham, nunca tiveram tal costume». Nem admitiam ser um fardo económico para os Abexins, pois «o costume dos portugueses não era comer e beber à custa dos mesquinhos pobres homens, senão comer e beber e pagar ouro e prata ...»¹⁴.

¹¹ A primeira terá sido a dos dinamarqueses à Arábia do Sul (1761-1767). Mas dos cinco eruditos saídos do Copenhague apenas sobreviveu Carsten Niebuhr, que regressou com grande quantidade de informações: *Beschreibung von Arabien*, Kopenhagen 1772 (reimpressa em 1969, com prefácio de D. Henze); *Reisebeschreibung nach Arabien und anderen umliegenden Ländern*, I-II, Kopenhagen 1774-1778. No século XIX foram organizadas duas expedições prussianas ao Egipto. A primeira foi marcada pelo infortúnio (1820-1821): mortes, um naufrágio e perda de grande parte da colecção. A segunda (1842-1845), mais bem sucedida, liga-se aos nomes de Alexander von Humboldt, que a sugeriu, Frederico Guilherme IV da Prússia, que a financiou, e Richard Lepsius, que a dirigiu.

¹² Cf. C. W. CERAM, *Deuses, Túmulos e Sábios*, trad., Círculo de Leitores, 1977, pp. 76-86; C. GRIMBERG, *História Universal*, 1, trad., Lisboa 1965, pp. 87-97; para a história das viagens de exploração do Próximo Oriente e das suas civilizações cf. K.-H. BERNHARDT, *o. c.*, pp. 25-52. *viaggi*, I, Veneza 1550.

¹³ F. ALVARES, *o. c.*, I, LXXII, p. 183.

¹⁴ *Ibidem*.

Não era uma expedição científica ... No entanto, lançou as bases para a primeira abordagem científica da antiga civilização semítica da Etiópia com a publicação do relato do capitão-cronista. Era uma novidade absoluta na Europa.

Não admira que a obra bem depressa tenha varado as fronteiras pátrias, traduzida sucessivamente para italiano¹⁵, espanhol¹⁶, francês¹⁷, inglês¹⁸ e alemão¹⁹. E o autor não dissera tudo o que sabia nem publicara tudo o que escrevera²⁰.

¹⁵ *Viaggio fatto nella Ethiopia*, em G. B. RAMUSIO, *Navigazioni et viaggi*, I, Veneza 1550.

¹⁶ *Historia de las cosas de Etiopia*, trad. de Frei Tomás de Padilha, Antuérpia 1557; Saragoça 1561; trad. de Miguel de Selues, Toledo 1558.

¹⁷ *Historiale description de l'Ethiopie*, Antuérpia, 1588 (duas edições).

¹⁸ A. REIS MACHADO, prefácio a F. ALVARES, *Verdadeira Informação*, Lisboa 1943, refere uma edição inglesa de 1625 (p. XXIX); *Narrative of the Portuguese Embassy to Abyssinia during the Years 1520-1527...* translated by Lord Stanley of Alderly, Londres 1831; *The Prester John of Indies* (revisão de edição de 1831 por C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford), Londres 1961.

¹⁹ *Washafftiges Bericht von den Landen ... des mechtigen Königs in Ethiopien*, Eisleben 1566.

Em 1966 saía em Lisboa uma versão amhárica.

²⁰ O estudo fundamental sobre o texto, os manuscritos e as versões da *Verdadeira Informação* deve-se a R. ALMAGIA, *Contributo alla storia della conoscenza dell'Etiopia*, Padova 1941; cf. C. F. BECKINGHAM — G. W. B. HUNTINGFORD, Introdução a *The Prester John* (*supra* n. 18), pp. 5-9: A obra compreenderia cinco livros — 1. Descrição do país, fronteiras, duração dos dias, fenómenos astronómicos de significado cosmo-gráfico, fontes do Nilo e razão das cheias anuais. 2. Fertilidade do solo e variedade dos frutos. 3. Animais e aves. 4. Carácter e costumes dos Etíopes, literatura, corte, monarca, exército, instituições civis e leis. 5. Questões religiosas: igrejas, ritos de casamento e funeral, vida dos monges, cujo número é quase infinito.

Este escrito, presumivelmente em português, perdeu-se. Dele mandou Damião de Góis uma cópia manuscrita a Ramusio. Nele se baseia a edição de 1540, *novamente* (!) impressa. A versão italiana, em parte mais extensa que a edição portuguesa de 1540, deve ter por base tanto esta como o manuscrito enviado a Ramusio. Há ainda códices latinos com alguns capítulos na Biblioteca Vaticana e na Biblioteca Marciana de Veneza (8).



É por demais evidente a preocupação de observar e descrever a realidade contemporânea da Etiópia: produtos da terra, costumes, comidas, práticas de justiça, sobretudo o mundo da fé cristã abexim — os mosteiros, as igrejas, os jejuns, a vida sacramental e litúrgica. Terá o capelão-cronista percebido de algum modo que pisava o palco de uma antiga civilização semítica, irmã gémea da árabe do Sul, irmã carnal da mesopotâmica e, dentro da grande família camito-semítica, até prima da egípcia faraónica? Obviamente ignorava os rótulos de «semítico» e «camítico». Nas línguas, ao menos nas modernas, não era peço. Conhecia a «língua da terra» ou «língua abexim» (ge'ez): entende uma longa crónica escrita neste idioma²¹ e dá correntemente o equivalente português de termos e expressões etíopes. O papa ou patriarca da terra do Preste João chama-se «abuna», que quer dizer «padre», e o Preste «se chama acege que quer dizer imperador e se chama negus que quer dizer rei»²². *Cafan hia cainha a franguei Abeto* significa «os frangues que me mandaste aqui os trago, Senhor»²³. *Abeto*, *Abeto* quer dizer «O Senhor, o Senhor»²⁴. Numa ladainha contra a praga de gafanhotos, a que os Etíopes chamam «ambatas»²⁵, clamam *Ziomarenos*, «que quer dizer na nossa língua: Senhor Jesus Cristo amerceia-te de nós»²⁶. E, para implorar o fim da seca, suplicam *Zio mazera Christus*, «Cristo Deus amerceia-te de nós»²⁷. O à-vontade denuncia-se nos variadíssimos campos semânticos: geográfico (o desfiladeiro Aquia Fagi — «morte de

²¹ I, XXXVII, 87.

²² II, IX, 417.

²³ I, LXXV, 191.

²⁴ I, C, 269.

²⁵ I, XXXII, 76.

²⁶ *Ibid.*, p. 77.

²⁷ I, XLVII, 114.

asnos»²⁸, os cargos (xum — «capitão»²⁹, adragaz — «mordomo-mor»³⁰, as igrejas (Auriate — «apóstolos»³¹ e Imbra Cristos — «caminho de Cristo»³²).

Admira Pero da Covilhã, que encontrou bem instalado na Abissínia, «homem que todas as línguas sabe que se falar podem assim de cristãos como de mouros e gentios»³³. Não lhe escapa a importância do árabe como língua franca do Próximo Oriente — não fossem na embaixada um capitão-mor que «aravia bem falava»³⁴ e um Fernão Dias que também «sabia aravia!»³⁵—, recordada ainda por Pero da Covilhã, de quem ouve que D. João II «mandara um homem da casa de Monterio (Pedro de Montarroio) e um frade que se chamava Frei António, natural de Lisboa e que após chegarem a Jerusalém e daí fazerem volta dizendo que a estas terras não podiam ir se não soubessem aravia ...»³⁶.

Quanto às antigas línguas semíticas hebraico e aramaico, não se vê que conheça mais que o nome. A grande crónica já referida (n. 21) «dizia no princípio dela, como fora escrita primeiramente em hebraico e depois tirada em grego e do grego em caldeu, do caldeu em língua abexim ...»³⁷. Mas diante dos «letreiros grandes» de Aquaxumo (Aksum) confessa a ignorância mais completa: «nem nós os pudemos ler e, segundo

²⁸ I, LXVI, 169.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ I, LXIX, 175.

³¹ I, LVIII, 174.

³² I, LIII, 130.

³³ I, CIV, 282.

³⁴ I, II, 11.

³⁵ I, III, 13.

³⁶ I, CIV, 279.

³⁷ I, XXXVII, 87.

parecem, devem estas letras ser hebraicas»³⁸. Com o «segundo parecem» dá claramente a entender que não sabe hebraico.

Só uma civilização da Antiguidade Oriental interpelou seriamente, embora de passagem, o Padre Francisco Álvares na Etiópia: a hebraica do Antigo Testamento. Rezava o Livro dos Reis (1 Re 10,1-13) que Salomão recebera um dia uma forasteira ilustre, atraída à corte de Jerusalém pela fama de sábio de que gozava o rei hebreu. Em Aquaxumo encontrou a «câmara e estância (segundo dizem)» dessa famosa rainha de Sabá, «que levou os camelos carregados de ouro a Salomão quando fazia o templo em Jerusalém»³⁹. A visita não se teria ficado pelas distâncias do protocolo: «Estando em Jerusalém houve Salomão parte com ela e emprenhou dum filho e esteve em Jerusalém até que pariu e depois que pôde caminhar deixou o filho e foi-se às suas terras ...» O príncipe é mais tarde enviado «até às terras de sua mãe onde foi grandíssimo senhor»⁴⁰.

Para poente de Aquaxumo, «que é contra Nilo ... segundo dizem ... é a terra de Sabaim, onde a Rainha de Sabá tinha seu nome e título ...»⁴¹. A cerca de uma milha, ou seja, terço de légua, «estão duas casas debaixo da terra, nas quais homem não entra sem candeia» e numa das casas havia arcas «(dizem que eram as caixas dos tesouros da Rainha Sabá)»⁴².

Nada mais se relaciona com a Antiguidade pré-clássica. Não era a civilização em si, mas o elo da Abissínia com o Antigo Testamento, reforçado pelo papel de outra rainha etíope na cristianização do país. Pelos Actos dos Apóstolos (8,26-39) o cronista sabia «Como São Felipe declarou uma profecia de Isaías ao capado da Rainha Candácia». Acrescentou de sua lavra «por onde ela e todo o seu reino se converteu e dos

³⁸ I, XXXVIII, 92.

³⁹ I, XXXVII, 87.

⁴⁰ *Ibid.*, pp. 87-88.

⁴¹ I, XLI, 96.

⁴² I, XXXIX, 92.

edifícios do lugar de Aquaxumo» e obteve o título, longo e sugestivo, de mais um capítulo (XXXVIII) sobre a cidade santa da Etiópia ⁴³.

Os portugueses da embaixada de D. Rodrigo de Lima foram, ao que se sabe, os primeiros europeus a deparar com inscrições sularábicas ... nas pedras «erguidas sobre a terra» de Aksum, umas de quarenta côvados, outras de mais de trinta e as demais com «letreiros grandes que os não sabem ler os naturais da terra» e que pareciam ser hebraicos ⁴⁴. Uma vez que os naturais da terra não sabiam ler as inscrições, estas deviam ser sularábicas e em 1520 devia haver muitas mais do que no fim do século XIX, embora os arqueólogos modernos ainda tenham encontrado algumas em Aksum ⁴⁵.

Aksum ferira a atenção do Padre Francisco Álvares com seus «poiais de cantaria mui bem lavrada e assentada» ... com «cadeiras de pedra, tão bem feitas de pedra como se fossem de pau ... cada uma de sua pedra e peça». «Este lugar está assentado sobre a cabeça de um formoso campo e quase entre dois cabeços e o demais desta campina é quase toda cheia destes velhos edifícios e por eles muitas destas cadeiras e padrões com letreiros» ⁴⁶. Essas e outras «antiquilhas feitas de pedra» ⁴⁷ é que atraíram a expedição alemã de 1905-1906, dirigida pelo grande orientalista Enno Littmann, que nos deixou uma viva narração em quatro grossos volumes de texto, mais um de gravuras. É grato confrontar as duas expedições. Quem suporia que os começos modestos da expedição portuguesa iriam ecoar tão vivamente na cientificamente bem apetrechada missão alemã, quase quatro séculos depois?! Que uma e outra

⁴³ *Ibid.*, pp. 88-92.

⁴⁴ I, XXXVIII, 92.

⁴⁵ Cf. C. F. BECKINGHAM — G. W. B. HUNTINGFORD, *o. c.*, p. 158.

⁴⁶ F. ÁLVARES, *o. c.*, I, XXXVIII, 90-91. «Padrão» é porventura mais vernáculo do que «estela», familiar no nosso vocabulário arqueológico.

⁴⁷ Assim fala o Padre Francisco Álvares de Aquaxuma (Aksum) ao arcebispo de Braga depois do regresso a Portugal (chega à cidade dos arcebispos a 30 de Julho de 1529), *ibid.*, II, IX, 420.

tenham desembarcado em Massawa (Maçuá) pode dever-se ao acaso ou à geografia portuária da Etiópia. Mas quando lemos o cerimonial da saudação de boas vindas: «As gentes de Jerusalém (Europa) honraram-nos com a sua visita», se não vemos os alemães «transportados uns três mil anos para trás na história ...»⁴⁸, decerto recordamos a experiência dos portugueses de Quinhentos: «Duas noites que neste lugar (Dofarfo) dormimos as freiras nos vinham lavar os pés e bebiam da água depois de lavados e lavam o seu rosto com ela dizendo que éramos santos cristãos de Jerusalém»⁴⁹. E. Littmann entende Jerusalém como Europa. O Padre Álvares não vai tão longe e explica: «porque os de Jerusalém são gente branca, a nós quando a esta terra chegámos nos chamavam cristãos de Jerusalém»⁵⁰.

Em 1905, «temiam (as gentes) que escavássemos para encontrar tesouros, tanto mais que a tradição reinante em Aksum é de que existem tesouros sepultados entre as grandes pedras. Inclusivamente nas crónicas de Aksum se refere o facto de que viram com os seus próprios olhos tirar tesouros da terra, junto aos edificios antigos, com varinhas mágicas»⁵¹. De tesouros não ouviu falar o Padre Francisco Álvares, mas sim de ouro abundante nas campinas de Aksum. Depois das sementeiras, quando vêm trovoadas, «não ficam no lugar as mulheres, nem os homens, moços, nem meninos que de idade sejam, que não saiam a buscar ouro pelas lavouras, que dizem que as chuvas o descobrem e dizem que acham muito, assim andam por todas as ruas buscando as correntes das águas e esgaravatando com paus. Vendo eu isto e ouvindo dizer como achavam tanto ouro, assim no lugar como nas lavouras, determinei fazer uma tábua assim como as que eu vira em Portugal,

⁴⁸ S. MOSCATI, *Las antiguas civilizaciones ...* (n. 8), p. 256.

⁴⁹ F. ALVARES, *o. c.*, I, XLVIII, 115.

⁵⁰ I, CXXIV, 335.

⁵¹ S. MOSCATI, *Las antiguas civilizaciones ...* p. 257.

em Foz de Arouca e na Ponte de Mucela. E feita me meti a lavar terra e lancei duas tábuas e não achei ouro nenhum, nem sei se o não sabia lavar bem, ou se o não conhecia, ou se o não havia aí; a fama era que havia muito»⁵².

Ouro, ao que parece, não havia. Fama é que não faltava. Passados quase quatro séculos, continuava a fama ... de tesouros soterrados entre as ruínas. Ao contrário do pioneiro português, o arqueólogo alemão não precisou de experimentar para cair no cepticismo. O representante do imperador bem clamou às turbas que os alemães «não têm necessidade do vosso ouro». «Com estas explicações a gente acalmou-se um pouco; no entanto, a partir de então há sempre um soldado que monta guarda junto do lugar da escavação»⁵³.

ANTÓNIO TENREIRO NO CRESCENTE FÉRTIL

Ainda a embaixada de D. Rodrigo de Lima não deixara os senhorios do Preste João e já outra saía a caminho da Pérsia. Chefiava-a Baltasar Pessoa, enviado do governador D. Duarte de Meneses ao sufi. Ao escrivão Vicente Correia, ao língua António de Noronha, ao sota embaixador João de Gouveia e aos restantes quinze portugueses, entre os quais o capelão Francisco Calado, juntou-se de *motu proprio* António Tenreiro⁵⁴, como se lê no princípio do *Itinerário*:

«Vendo eu aperceber o embaixador pera a ida, determiney de ir em sua companhia, assim por cumprir com meus desejos,

⁵² F. ALVARES, *o. c.*, I, XXXIX, 93-94.

⁵³ S. MOSCATI, *Las antiguas civilizaciones ...* p. 257.

⁵⁴ Natural de Coimbra, Tenreiro vivia na Índia por 1520. Regressado a Portugal, viu o hábito de Cristo e foi agraciado com uma tença por D. João III, ainda percebida em 1533. Morreu depois de 1560, deixando

que erão ver mundo, como também por me parecer necessário mudar a terra, por me temer de hum homem, com que tive hūas brigas, mais rico do que cumpria, para a quietação de quem se temia delle. E assim partimos de Ormuz para terra firme hum Domingo, primeiro dia de Setembro, ás dez horas, em hūa galé real, ao som de muitas trombetas ...»⁵⁵.

«Mundo» ... terá visto, muito mais do que desejara. «Quietação» ... talvez não encontrasse tanta como queria. Aventura é que não faltou. Preso pelos Turcos como espião em Caraemite, a actual Dyarbakir, não toma o desejado caminho de Jerusalém⁵⁶, mas segue sob escolta até ao Cairo, onde o soltaram. Larga para Alexandria, salta a Chipre, regressa à Síria ... e não encontra barco que o traga à Europa. Volta a Ormuz, via Alepo e Taybe, descendo o vale de Eufrates. «Pasados sinco, ou seis annos, que eu já estava em Ormuz»⁵⁷, aceita o convite do governador da ilha para vir a Portugal por

um *Itinerario de Antonio Tenreyro, cauleyro da Ordem de Christo, em que se contem como da India vèo por terra a estes Reynos de Portugal*, Coimbra 1560 e 1565. Fizeram-se reedições do *Itinerário* em 1725, 1762, 1829 e 1923. Sigo esta última, editada e prefaciada por António Baião, Coimbra, Imprensa da Universidade, indicando capítulo e página em numeração romana e árabe respectivamente.

De António Tenreiro e da sua empresa se ocupam com admiração e encómios Diogo do COUTO, *Décadas*, IV, liv. V, c. VII e Gaspar CORREIA, *Lendas da Índia*, III («Lenda do governador Nuno da Cunha»); cf. A. BALÃO (ed.), *Itinerários da Índia a Portugal por Terra*, Coimbra 1923, pp. XI-XIV; J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, pp. 378-382.

⁵⁵ A. TENREIRO, *o. c.*, II, 7-8.

⁵⁶ XXIX, 58: «(Ao Baxaa de Caraemite) eu lhe respondi a verdade em como viera em companhia do embaixador, que o governador da India mandara ao Sufi, e que tomara em vontade de ir a Jerusalem, e que hia meu caminho pera laa». Já antes manifestara essa intenção, quando «hum christão Armenio mercador muy rico, em cuja companhia me parti de Tabriz ... me rogava que esperasse ... atee daquella terra partir algum mercador christão, que fosse pera a casa sancta de Jerusalem, pera me a elle encomendar» (XXVI, 52).

⁵⁷ LVI, 106.

terra e sai de Ormuz «no fim de setembro de 1528»⁵⁸. Demanda Baçoró, na foz do Eufrates, sobe o deserto até Alepo, «em que já havia estado por duas vezes»⁵⁹. Desde a «ouréla do mar Medioterrâneo» e chega à cidade de Tripoli de Sória»⁶⁰. Ao saber que tinha barco em Chipre para Veneza, embarca para Famagusta, passa a Limassol (Alamizon), rumando finalmente a Veneza «em dia de Nossa Senhora de Fevereiro do anno de 1529»⁶¹.

A odisseia teve por cenário principal o Crescente Fértil, com os planaltos circundantes do Irão e da Anatólia, onde milénios antes se desenvolveram as brilhantes civilizações pré-clássicas. Tenreiro cruza em várias direcções terras que foram de Medos e de Persas, de Sumérios, Babilónios e Assírios, de Urartuenses, Mitannianos e Hititas, de Arameus, Israelitas e Fenícios, enfim de Egípcios. Basta um atlas elementar e dois ou três mapas turísticos para seguir comodamente a rota e identificar as estações principais :

Ormuz — Lara (Lar) — Xirás (Shiraz) — Espayão (Isfahan) — Caixão (Kashan) — Cum (Qom) — Saba (Saveh) — Sultania (Soltanyeh) — Tabriz — Ardivil (Ardabil) — Nachivão (Nakhichevan, na república soviética da Geórgia) — Argis (Ercis) — Aclata (Ahlát) — Ataduana (Tatvan?) — Bytaliz (Bitlis) — Carraemite (Dyrbakir) — Arcengifa (Aşagihanik?) — Urfa — Calepe (Halep/Alepo), Ames (Homs) — Amá⁶² (Hama) — Balbeche (Ba'albek) — Damasco («que em sua linguagem elles

⁵⁸ LVI, 107.

⁵⁹ LXI, 117.

⁶⁰ LXIII, 122.

⁶¹ LXIV, 125.

⁶² Trata-se obviamente da cidade do Orontes, grafada em Tenreiro sem *h* como Ames (Homs), e não de Amã, a hodierna capital da Jordânia, mais a sul, como por lapso se lê em J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, 379. O próprio Tenreiro não terá reproduzido fielmente o itinerário que leva de Alepo a Ba'albek por Homs e Hama, não Hama — Homs, XXXIII-XXXII (sic), 64-67. Aliás, «com o rosto a suduésté» (XXXIII a, 66) nunca se iria

chamão Xame⁶³ [Esh-sham]] — Jericó (?) — Cefete (Safed) — Ramala — Gazara (Gaza?) — Cairo — Alexandria — Alamizon (Limassol, Chipre) — Famagosta (Famagusta) — Calepe (Alepo) — Baçorá — Ormuz — Baçorá — Alepo — Famagusta — Limassol — Ruvinho (Veneza).

Como o P. Francisco Álvares, António Tenreiro tem os olhos bem abertos para as realidades da vida contemporânea, comparadas não raro com o que conhece da Europa. Em Bytaliz (Bitlis) encontra «gentes brancas e ruivas como Ingreses»⁶⁴. Em Amá (Hama), «muitos arvoredos de fruto, como em estas partes de Hespanha»⁶⁵. Mal entrado na Pérsia, em Xirás, vê «boas casas grandes com grande pomar, e horta de todas as arvores de frutitos como em Hespanha», e cura-se com o auxílio de «hervas e mézinhas, como em Hespanha...»⁶⁶. Lara «tem inverno e verão, como cá na Europa»⁶⁷. Despertam-lhe muita atenção as comunidades cristãs com suas línguas. Os cristãos arménios de Azu «tem a lingoa como os detras». Mouros e cristãos «se avem muyto bem», apesar da «diferença de lingos»⁶⁸. Os moradores de Monsarquim, na Turquia, «sam Christãos Jacobitas, gentes brancas, tem linguagem Arabigo, e assi os livros»⁶⁹. Em Caraemite os cristãos são jacobitas, nestorianos («nastoris») «e outros de outro costume que se chamão Dustimaria: que quer dizer em nossa lingoa, amadores

de Homs a Hama (direcção Sul-Norte), mas sim de Homs a Ba'albek. Este pormenor revela que, pelo menos no que toca ao trajecto sírio, o *Itinerário* não foi redigido durante a viagem.

Como os capítulos XXXII e XXXIII se encontram repetidos, chamarei à primeira ocorrência XXXII a e XXXIII a, à segunda XXXII b e XXXIII b.

⁶³ XXXII b, 67.

⁶⁴ XXVI, 51.

⁶⁵ XXXII b, 67.

⁶⁶ VI, 16.

⁶⁷ III, 11.

⁶⁸ XXVII, 53.

⁶⁹ XXVIII, 55.

de Santa Maria: todos gentes brancas: falão lingoa Arabia ...»⁷⁰. A «lingoa persiana», Tenreiro a «sabia falar nam muyto bem»⁷¹. Quando Abraham Baxá lhe pergunta no Cairo se sabia falar Turco (Turquesco), responde «que não, mas que sabia fallar Persiano. E logo me fallou em lingua Persiana, a qual elle tão mal fallava, como eu»⁷². Aprecia, e com bom fundamento, a doçura da língua persa. Comparado ao turco, o persa «he mais doce lingua, e melhor»⁷³.

Das línguas antigas só topou o Aramaico (Caldeu), mas como língua (litúrgica?) dos cristãos do reino dos Gurgis (curdos?): «Tem lingoagem per si, e os seus livros em caldeu»⁷⁴.

Desejos de ver mundo levaram António Tenreiro ao palco das brilhantes civilizações pré-clássicas, à Pérsia, à Ásia Menor, à Síria-Palestina, ao Egipto, à Mesopotâmia. Os pressupostos culturais é que parecem ter sido escassos para recuar milénios na história e conviver espiritualmente com esse passado remoto, na sua fama imorredoura ou nos vestígios materiais que interpelavam o viandante. «Homem de experiência e não de letras»⁷⁵, Tenreiro passa ao largo de Persépolis (entre Xirás e Isfahan) sem a menor suspeita das suas ruínas monumentais, está no

⁷⁰ XXIX, 57.

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² XXXIX, 78.

⁷³ VI, 17.

⁷⁴ XXVI, 51.

⁷⁵ Na definição de J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, p. 381. Mas não totalmente ignorante de história mais recente. Do «grão Tamorlão, que veio a ser rey de toda Persia» os habitantes de Lar diziam que nascera na sua terra e fora inicialmente recoveiro, «posto que alguns historiadores da Europa, que escreverão algũa cousa de sua vida, contão que foy pastor» (III, 10). E estende as suas lucubrações à história antiga: «os que o virão o comparão em todo a Annibal Carthaginense» (III, 10-11); entre Xirás e Espayão há «hũa serra muito alta, que fica á mão esquerda, a que os mouros chamão Coaestander, que em linguagem Persiana quer dizer, a serra de Alexandre» (VII, 19).

Cairo e não visita as pirâmides, desce e sobe o vale do Eufrates sem falar de Babilónia. Mas como espriar a vista e a curiosidade para tais horizontes, longínquos e foscos, se o melhor das civilizações antigas da Ásia Anterior jazia soterrado em montões de areia e abafado em duas camadas culturais estranhas — a helenística e a árabe?! Como não haviam de passar despercebidos ao viajante do século XVI as civilizações que escapam ao moderno?! «Mas quantos não vão marchar, sem o saberem, ao lado de um mundo ainda engolido! Na Mesopotâmia, a monotonia do deserto ou da estepe é quebrada não raro por uma dobra de terreno, que algumas colinas dominam. O viandante não advertido e que se apresse sobre a pista ficaria muito espantado ao saber que passava assim a poucos metros de uma cidade morta»⁷⁶. Havia, é certo, as parcas, tardias e distorcidas informações dos clássicos. Mas só a intelectualidade humanista as manejava. De modo que restava apenas ao «homem de experiência e não de letras» o *vademecum* da Bíblia.

A duas jornadas para oeste de Tabriz, encontra «uma terra muito fria no inverno, e de serras muito altas, que correm pera a banda do norte, onde me disserão que estava a arca de Noé, e me mostrarão a serra, e a arca, que tudo estava cuberto de neve: e eu não vi outra cousa ainda que comigo aporfiavão que olhasse bem, e que a veria clara; mas eu não vi mais, e por ir hum pouco mal disposto dos olhos, não podia bem olhar. Assim me disserão os christãos daquella aldêa que era verdade que á dita serra subiam christãos clérigos, e religiosos, e que trazião páos da dita arca, e sinaes della. Isto dizião muito chãmente, e que outra pessoa não podia lá subir, por lhe cansarem muito as pernas, e se tornarem logo»⁷⁷. De facto, ao norte de Tabriz está o monte Ararat, onde

⁷⁶ A. PARROT. *Découverte des mondes ensevelis* (CAB), Neuchatel 1955^a, p. 13.

⁷⁷ A. TENREIRO, *o. c.*, XX, 44-45.

segundo o Antigo Testamento terá pousado a arca de Noé (Gn 8,4). António Tenreiro é que não viu nenhum vestígio dela. Só neve. Na Arménia evocam-lhe Sansão, porventura o maior aventureiro da tradição veterotestamentária (Jz 13-16). O capítulo intitula-se: «Da vila que se chama Aclata (hoje Ahlat, na Turquia, na margem setentrional do lago de Van), donde dizem que foi Samsam natural»⁷⁸. Sansão teria edificado o castelo da vila. Mas havia mais terras a reclamarem-se do herói, naquelas bandas. Passado Bytaliz (Bitlis), chega a Azu, ainda na Arménia: «Junto desta vila em hũ castelete antigo me disseram que estava hũa lança e hum escudo de Samsam»⁷⁹. Com mais razão os de Ramala, no cerne do mundo bíblico, a «hũa pequena jornada de Jerusalém. Aqui me disserão que estava o templo, onde feneceo Sansão, que agora he mesquita dos mouros muito venerada»⁸⁰.

Alepo evoca tanto os primeiros tempos do cristianismo («Alguns dizem que esta he a cidade de Antiochia, muito nomeada dos primeiros christãos») como o profeta Daniel: «Fóra desta cidade pera o ponente, ou no meio dia, está o poço dos leões, onde esteve Daniel Proféta, e eu o vi»⁸¹. E regressado que foi à Síria por não encontrar embarcação para a Europa, não perde ocasião de visitar a cova dos leões em Alepo. Agora é mais preciso: «Caminhando com o rosto ao ponente, duas legoas da dita cidade, me mostrarão hũa cova redonda, muito funda, e alta, e em a boca grande largura, e me disserão que aquela cova era o poço dos leões, onde Daniel Proféta fora metido»⁸².

Urfa, um pouco mais ao Norte, conservava o «forno», onde «se aconteceu meterem hūs tres moços ... per mandado de um

⁷⁸ XXIII, 49.

⁷⁹ XXVII, 54.

⁸⁰ XXXV, 72.

⁸¹ XXXII a, 65.

⁸² LXII, 119. Repare-se na ordem latina «Daniel Proféta», não «o profeta Daniel».

rey de gentios, e os nomes sam a saber: Sidrac, Misac, Bedenago ...»⁸³. Isso mesmo lhe contou um cristão arménio de Urfa, «mercador rico, que nos agasalhou muyto bem. Este Christão Arménio me disse, que em aquella cidade estava ho forno, onde foram metidos os tres moços, em ho tempo dos filhos de Israel: segundo conta a sagrada escritura»⁸⁴. Só espanta como o autor apela para a Sagrada Escritura e não repara que o texto bíblico coloca a cena em Babilónia não em Urfa.

Na Galileia, e numa casa que parecia uma ermida, encontra «duas sepulturas, que estão cubertas com pannos de seda pretos ... hũa de Aron, e a outra de Hisdros sogro de Moysés. Dentro em a dita casa vi hũa pedra branca, como marmore, em que estavam assinadas duas pégadas de pé grande, e muito poidas das mãos, dos mouros as pôrem em ellas, e as pôem nos olhos, pelas terem em grande veneração: porque dizem que aquellas pégadas deixou Moysés em aquella pedra, que foy trazida para alli do monte Thabor, que logo alli esta perto»⁸⁵.

Antes de chegar ao Cairo admira as construções insólitas de Remaya: «Alli nos disserão que aquellas duas cidades, a saber, esta e a detrás, mandára cercar de muro de tegelo, e adobes, que aqui vi muy grandes, e de admiração, hum Rey Pharaó ao povo de Israel, quando estavam em cativoiro, e debaixo do seu poder, e mando»⁸⁶.

Do antigo Israel e da sua literatura António Tenreiro encontra vestígios na Pérsia, na Arménia turca, na Síria, na Palestina e no Egipto. Recorda o cativoiro do Egipto e o grande condutor Moisés, o tempo dos Juizes com Sansão, a cova dos leões de Daniel e até a figura quase mítica de Noé. Não garante a identificação: é o que lhe dizem, e no caso da arca

⁸³ XXXI, 62.

⁸⁴ XXXII a, 62.

⁸⁵ XXXIV, 70-71.

⁸⁶ XXXVIII, 76.

de Noé, diz mesmo que não a conseguiu descortinar no meio da neve, talvez «por ir hum pouco mal disposto dos olhos».

Afora estas lembranças veterotestamentárias, pouco lobrigou das grandes realizações de antanho. Só as antiguidades egípcias deixaram uma leve marca no *Itinerário*. Foi ao sair do Cairo, defronte de Boulac (Bolace) e a oeste do Nilo. Para esses lados, «pera o ponente hũa legoa de caminho estão huns edificios de pedraria lavrados de pedras muito grandes, que se vêm da borda do dito rio, e dizem que eram os celleiros, que mandára fazer ElRey Pharaó; outros me disserão que erão as sepulturas dos Reys daquelle tempo. Estão em huns areaes, e terra deshabitada, e dalli me disserão que trazião os córpos dos mórtos mirrados, que em algũas praças desta cidade vi vender, os quaes cheirão muito bem. E dizem na terra que aquella he a verdadeira carne momia, e não as das cafilas, que acarvam as arêas em o deserto»⁸⁷.

É esta a informação mais interessante a respeito de toda a Antiguidade Oriental, e praticamente a única. Tratar-se-á das pirâmides de Abu Roash (Abu Rawash), a doze quilómetros do Cairo ou das famosas pirâmides de Gizé, a uns quinze quilómetros do centro da cidade? A interpretação desses «edifícios de pedraria» como «sepulturas dos Reys daquelle tempo» dá a entender isso. As pirâmides estão realmente em «areaes e terra deshabitada», a poente do Cairo, a pouco mais de uma légua de caminho. Ficando Boulac para norte do Cairo, as pirâmides mais próximas são as de Abu Roash, um pouco a norte de Gizé. Tudo isto não passará de especulação. Exacto foi o conhecimento das múmias, da sua proveniência e da sua natureza («os córpos dos mórtos mirrados»).

Curiosa e de interesse para o estudioso da civilização faraónica é a observação da cheia do Nilo, rio largo e fundo, «que não se passa em nenhum tempo a váo: corre da banda

⁸⁷ XLIII, 90-91.

do sul pera o nórtē por terra chã: no lugar onde eu o vi he por largos campos pera a banda do levante, os quaes elle réga hũa vez per anno em o fim do mez de agosto; sáhe fóra da madre, sem verem chuva. Em aquella terra muitas vezes se acontece sete, e oito annos não chover nella»⁸⁸.

Observou as «muitas nóras de rodas muito altas»⁸⁹ em Hama (ou em Homs?) como qualquer turista moderno.

Outras antiguidades não passaram despercebidas a António Tenreiro, como os «edifícios, e muros, que estavam destruídos, e derribados»⁹⁰, na cidade portuária de Ajaça, a quatro jornadas de Antioquia. Seriam as ruínas helenísticas de Selêucia? Só um estudo mais aturado do terreno o poderá dizer. Inconfundível é o reconhecimento do conjunto monumental de Ba'albek, entre Hamá (Amá), mais exactamente entre Homs e Damasco:

«... passámos por hũa villa, que se chama Balbeche ... (...) Aqui vi muitos moimentos, e edificios muito antigos do tempo dos gentios»⁹¹.

Ba'albek foi uma das grandes metrópoles helenísticas da Ásia ocidental, como Palmira, Gerasa e Filadélfia (Amã). Os gregos identificaram o seu deus do Sol com Baal e chamaram-lhe Heliópolis. Os Romanos ampliaram-lhe o nome (*Colonia Augusta Felix Heliopolitana*) e os monumentos, desde Nero a Caracala. E assim ficou Ba'albek, «O senhor da bekã» (planoalto entre Líbano e Antilíbano) um dos conjuntos monumentais romanos mais notáveis no espaço siro-palestinense. António Tenreiro deve ter sido dos primeiros europeus a referi-lo em livro, em todo o caso muito antes da revelação de Robert Wood⁹².

⁸⁸ XLIII, 88.

⁸⁹ XXXII b, 66.

⁹⁰ LI, 99.

⁹¹ XXXII b, 67.

⁹² *The Ruins of Baalbek*, Londres 1757.

*

Assaz modesto foi o contributo do Renascimento e dos Descobrimentos portugueses para a descoberta das civilizações pré-clássicas do Oriente Próximo. Homens como o Padre Francisco Álvares e António Tenreiro estavam demasiado comprometidos com a realidade contemporânea — política, diplomática, social e cultural. Para o passado longínquo das civilizações cujos escassos restos toparam tinham como guia único essa fonte literária ímpar mas limitada que é o Antigo Testamento. Era fácil e tentadora a identificação sumária: Aksum com a capital do antigo reino de Sabá, de rainhas bonitas e piedosas, o poço de Alepo com a cova dos leões, o forno de Sidrac, Misac e Abednego em Urfa, os edifícios construídos pelos Israelitas no cativeiro do Egipto. Mas nem sempre o viajante cedeu à tentação.

Se António Tenreiro acreditou no judeu espanhol que lhe apontou a antiga cidade de Jericó a uma légua de Safed, na Galileia⁹³, enganou-se redondamente. O facto é que tanto o capelão-cronista da Etiópia como o viajante das Arábias conservaram a cabeça fria, mantendo uma atitude reservada e crítica, como mostram as contínuas referências às fontes orais. Assim lhes diziam, não se cansam de repetir. E, por mais que insistam, Tenreiro não enxerga a arca de Noé nas montanhas da Arménia.

Contributo modesto, mas real. O Padre Francisco Álvares revela a existência de Aksum com a sua riqueza epigráfica e monumental, lê manuscritos e nota a língua estranha das inscrições, dois séculos e meio antes de Carsten Niebuhr deparar com a mesma escrita desconhecida na Arábia do Sul; chama a atenção para os obeliscos e tronos de pedra quase

⁹³ A. TENREIRO, *o. c.*, XXXIII b, 69.

quatro séculos antes das descobertas de Enno Littmann. António Tenreiro, a par de conhecimentos geográficos precisos, refere o que viu e ouviu dos monumentos faraónicos do Baixo Egipto (pirâmides de Abu Roash ou de Gizé?), o negócio de múmias nas praças do Cairo e as impressionantes ruínas de Ba'albek.

Será pouco, quase irrisório. Como irrisório é todo o embrião comparado ao corpo adulto. Nas viagens do tempo dos Descobrimientos estava o embrião do Renascimento oriental dos séculos XIX-XX.